

Deus precisa dos homens

A 28 de agosto de 1985, *don* Giussani falou no Meeting. Eis a sua intervenção, redigida a partir da transcrição da gravação áudio (conservada no Arquivo da Fraternidade de CL). O texto é da responsabilidade de Julián Carrón

[*Aplausos*] Obrigado, chega. No entanto, talvez façam bem em bater palmas, porque acredito naquilo que digo.

I.

«O maior perigo que a humanidade pode temer – diz Teilhard de Chardin – não é uma catástrofe que venha de fora, não é nem a fome, nem a peste; é antes aquela doença espiritual, a mais terrível porque o mais diretamente humano dos flagelos, que é a perda do gosto de viver».¹ Quando li esta frase de Teilhard de Chardin, veio-me imediatamente ao coração e à memória como deve ter nascido o interesse por Cristo, como deve ter nascido até mesmo historicamente. Porque, como às vezes já refletimos, já meditámos entre nós, as pessoas podiam ir ouvi-Lo dizendo para si mesmas: «O que está este a dizer? Fala da Trindade, de Deus Pai, fala do inferno, fala da alma, da responsabilidade do homem...». Porém, podiam também colocar-se outra questão: «Mas por que é que este diz estas coisas?». No coração das pessoas, esta pergunta encontrava uma resposta sem que elas estivessem disso conscientes. Se uma pessoa tivesse formulado esta pergunta, teria ouvido, imediatamente, a sua própria resposta: «Porque ele ama o homem, porque tem paixão pelo homem!».

«Pegou numa criança, apertou-a contra o peito e disse: “Ai daquele que arrancar um único cabelo à mais pequena das crianças”»;² e não falava de arrancar um cabelo físico, porque aí todos têm alguma contenção, mas falava de fazer mal à criança em termos morais – onde ninguém presta atenção nem toma precauções –, do respeito absoluto por este pequeno ser que, com um sopro, se atirava ao chão. Ou: desvia-se no caminho, passa um cortejo fúnebre, uma mulher soluça atrás do caixão e Ele pergunta: «O que se passa?». «É uma mulher viúva, morreu-lhe o único filho». Dá um passo em frente e diz: «Mulher, não chores!».³ Ou quando diz: «Que adianta ganhares tudo aquilo que queres, se depois te perderes a ti mesmo? O que dará o homem em troca de si?».⁴ Assim surgiu no mundo o sentido – respeito, veneração, ligação, amor, confiança, responsabilidade – da pessoa.

A pessoa. O amor ao homem. Sem isto, não se pode perceber o cristianismo. Mas talvez também nós próprios não compreendamos – vivendo-o, ainda que vivendo-o, ainda que tentando vivê-lo – o cristianismo porque não participamos desta sua origem. O cristianismo não nasceu para fundar uma religião, nasceu como paixão pelo homem. Então percebe-se: se Cristo falava do Pai, se falava da criança, se olhava com especial cuidado para o doente, o pobre, era porque pobre, criança, doente eram, entre todas as pessoas, os mais indefesos, aqueles que menos se conseguiam impor; mas era precisamente por isso que sublinhava a sua presença, porque o seu valor era independente da sua capacidade de poder ou de servir o poder.

Uma paixão pelo homem: o homem, o filho da sua mãe, filho de uma mulher, o homem concreto, como insiste sempre João Paulo II, às vezes chamando mesmo explicitamente a atenção para este aspeto concreto com termos inesquecíveis; não o homem de Feuerbach ou de Marx, mas o homem – eu, tu –,

insisto, filho da sua mãe e do seu pai; o amor ao homem, a veneração pelo homem, a ternura pelo homem, a paixão pelo homem, a estima absoluta pelo homem.

A frase de Teilhard de Chardin lembrou-me uma frase do Evangelho: «Disse-vos todas estas coisas para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja plena».⁵ Alegria. A voz cristã é a única – perdoem-me, mas não é exagero e estou de bom-grado disponível para ouvir qualquer objeção –, é a única voz que pode usar a palavra «alegria» sem ser obrigada a esquecer ou a renegar alguma coisa.

II.

O homem é grande porque é relação com o Infinito. Jesus di-lo em termos bíblicos: «Os seus anjos [os anjos das crianças] veem a face de meu Pai».⁶ O homem é grande porque é relação com o Infinito. Mas uma relação assim também se pode definir com aquele paradoxo: Deus precisa dos homens. Deus! Mas quem é que não tem medo, qualquer que seja a imagem que tem dele, quem é que não tem medo de usar esta palavra? Eu tenho muito medo e, com efeito, raramente uso esta palavra: Deus, este «insondável mistério», como dizia Einstein, três dias antes de morrer, ao grande matemático Francesco Severi, «este insondável mistério subjacente a qualquer pesquisa»;⁷ esta «sombra que não se pode separar de nós», dizia Whitehead, esta implicação última da razão, da razão entendida como consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. «Toda a lei da existência humana reside apenas nisto: que o homem possa inclinar-se ao infinitamente grande»,⁸ dizia Dostoiévski.

No entanto, por isso mesmo, como quer que seja concebido – e será uma fórmula que espero lembrar-me de usar muitas vezes –, este «infinitamente grande» está ligado à nossa existência. A Bíblia, usando um termo dramático, fala de «aliança», um contrato substancial, essencial ou existencial: é a aliança da criação. Este infinitamente grande está ligado à nossa existência através daquele espanto que assegura a emoção da novidade sem a qual a vida seria um tédio mortal – de modo que Deus se impõe como atração intensa, a atração intensa da realidade, do ser –, através daquele arrepio da razão com que Deus aparece como sendo a consistência que nos mantém acima do abismo do nada, através daquela dependência inevitável dos acontecimentos pelos quais Deus nos determina como Destino.

Mas, então, se está ligado a nós, *pode* falar-se dele? *Deve* falar-se dele, no sentido em que não é possível não falar dele, como quer que o concebamos. Só há uma maneira de não falar dele: não pensar. «Encerrado entre as coisas mortais / (Até o céu estrelado há-de acabar) / Por que anseio por Deus?».⁹ Esta interrogação apaixonada de Ungaretti é assim explicitada por Rainer Maria Rilke – perdoem-me se cito –: «Apaga-me os olhos: e ainda posso ver-te, / tranca-me os ouvidos: e ainda posso ouvir-te; e sem pés posso ainda ir para ti, / e sem boca posso ainda invocar-te. // Quebra-me os braços: e posso apertarte / com o coração como com a mão; / tapa-me o coração: e o cérebro baterá / e se me deitares fogo ao cérebro // hei-de continuar a trazer-te no sangue».¹⁰

Por isso, devido a esta implicação “fisiológica”, com temor e tremor, repito: Deus precisa dos homens. Foi assim que se revelou.

O título do belíssimo e esquecido filme de Delannoy¹¹ é um paradoxo – é claro –, mas é verdade: Deus fez-se necessitado do homem pela forma como agiu. Nós não podemos deixar de nos expressar com estas fórmulas. Precisar sem que se tivesse precisado é amor, o amor na sua pureza; para todos é nostalgia, tanto quanto normalmente não é experiência: é a gratuidade, a gratuidade pura. Bem, Deus precisa do homem, fez-se necessitado do homem porque o criou livre e, em segundo lugar, porque se fez homem, se fez história.

Deus fez-se necessitado do homem porque criou o homem livre, participou ao homem esta Sua suprema capacidade de posse de si, participou-a. Perdoem-me se leio mais uma vez. É dos *Mistério dos santos inocentes*, de Péguy: «Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os seus filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livremente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se, por acaso, não é / Quando os seus filhos começam a fazer-se homens, / Livres / E a ele

mesmo tratam como um homem, / Livre, / O amam como um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão a crescer. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas, / E se, por acaso, não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando os seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livremente. / Gratuitamente. O estimam assim. / Perguntai a esse pai se ele não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu que a fiz. Não lhes peço demasiado. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bem. / Não sou difícil. // Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo me repugnam e daria tudo / Por um belo olhar de homem livre, / Por uma bela obediência e ternura e devoção de homem livre, / Por um olhar de São Luís, / E mesmo por um olhar de Joinville, / Pois Joinville é menos santo, mas não é menos livre, // (E não é menos cristão.) // E não é menos gratuito. // E o meu filho morreu também por Joinville. / A essa liberdade, a essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / A esse gosto que tenho de ser amado por homens livres, / Livremente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa liberdade, essa gratuidade. // Para lhes ensinar a liberdade». ¹²

III.

Mas esta capacidade enérgica de aderir ao ser, em que reside a liberdade, tem em si um “mecanismo” terrível, terrível como um mistério; aliás, Péguy diz: «mistério dos mistérios». A liberdade realiza-se como escolha – como opção, diria Althusser naquele seu terrível juízo: a diferença entre o acreditar na existência de Deus e o marxismo não está numa razão, é uma pura opção –. Escolha de quê? Aceitar ou não aceitar o Ser. Como eu gostaria, se estivesse a falar apenas aos jovens, de dialogar de maneira mais imediata, porque esta é uma escolha de todas as manhãs. Nós, todas as manhãs, levantamo-nos e colocamo-nos diante da realidade com o olhar escancarado, aberto, ingénuo de uma criança, pronta a chamar pão ao pão, vinho ao vinho: «Seja o vosso dizer sim ou não; qualquer outra palavra vem da mentira», ¹³ ou então levantamo-nos com o braço em frente da cara, cautelosos, em guarda, para nos defendermos da realidade. Aceitar ou não aceitar o Ser, a própria mãe ou Deus é a mesma coisa, a posição é idêntica; aceitar ou não aceitar a flor ou a eternidade é a mesma coisa, a posição é idêntica. Podemos até ir contra as evidências, naturalmente, levantando pretextos. E, se levantamos pretextos, então não é apenas negação, mas é mentira. As razões, os pretextos fundamentais são, na minha opinião, dor, em todos os sentidos, inclusive a dor do sentir-se fraquejar, e a pretensão de afirmação, a vontade de afirmação do homem; não – atenção! – de si, não do próprio eu, mas do homem, insisto, ao estilo de Feuerbach.

Talvez o exemplo mais impressionante da primeira razão, a dor do homem, seja um famoso poema de Montale que me permito recitar: «Talvez uma manhã andando num ar de vidro, / árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre: / o nada às minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de embriagado. // Depois, como num painel, assentarão de um lanço / árvores casas colinas para o habitual engano. / Mas será tarde demais; e eu irei quedo / entre os homens que não se voltam, com o meu segredo». ¹⁴ Quando li este poema de Montale, repentinamente, imediatamente, me pareceu compreender. Porque esta é a posição em que se acende a intuição e a experiência mística: este nada das coisas, esta percepção imediata do nada das coisas, da inconsistência de tudo, do efêmero – como eu dizia antes –, é também o início da experiência do Ser de que tudo consiste e que tudo sustenta. *Rerum Deus, tenax vigor*, «Ó Deus, tenaz consistência de todas as coisas». ¹⁵ Isto, porém, na mesma experiência, torna-se niilismo: é uma mera opção. Com justeza, Péguy fala do «mistério dos mistérios»: a liberdade. Sem dúvida, dum ponto de vista abstrato, Montale não explica uma coisa (o erro é sempre obrigado a esquecer ou renegar alguma coisa): porque as coisas *existem*, efêmeras – “ilusórias” é já uma avaliação –, mas *existem*.

Ao passo que um exemplo terrível da afirmação de si – mas, na afirmação de si, é a afirmação da liberdade humana – encontra-se num conhecido excerto de Nietzsche da *Gaia ciência*: «Certo dia o viandante fechou a porta atrás de si e chorou. Depois disse: “Este desejo ardente da verdade, da realidade, do não aparente, do certo, como o ódio!”». ¹⁶ E não vou mais longe.

Toda a impenhência do mistério da realidade, se o homem não a reconhece, é como se não fosse nada. «O vazio / atrás de mim». É como um nada, não porque não exista, mas porque não é reconhecido. E neste sentido, Tischner, comentando as poesias do Papa Wojtyła, diz que para o Papa Wojtyła o homem permite a Deus que seja Deus.

Deus, para ser reconhecido como Deus, deve de certa maneira esperar esta escolha. Mas a negação não pode deixar de corresponder, na minha opinião, a uma atitude última de ira, uma ira subtil ou gritante, a uma afirmação irada, surda ou patente. Mas nesta ira, a tônica não está na afirmação de si – volto a insistir –, da própria humanidade pessoal; a tônica recai na recusa de alguma coisa que é dada, na recusa da ação de Outro. E por isso há uma recusa da própria condição humana porque é dada, uma recusa da própria natureza enquanto dada, a recusa de uma gratuidade original. A tônica não está – insisto – na vontade de afirmação de si; estranhamente, não me parece que seja acima de tudo sobre o orgulho; a tônica não recai na vontade de afirmação de si: o homem, na concretude da sua pessoa, o homem como tal, acaba por se dissolver. «Quem já não crê em Deus», dizia Claudel nas suas *Grandes Odes*, «já não crê no ser, e quem odeia o ser odeia a própria existência». ¹⁷

Como gostei de ler, em *Um homem*, de Oriana Fallaci, esta observação: «A amarga descoberta de que Deus não existe matou a palavra destino. Mas negar o destino é uma arrogância, afirmar que nós somos os únicos artífices da nossa existência é uma loucura». ¹⁸ Loucura! É a loucura com que Sartre dizia: «As minhas mãos, o que são as minhas mãos? A distância incomensurável que me separa do mundo dos objetos e me separa dele para sempre». ¹⁹ Quanto mais apertadas e agarradas, mais te apercebes, mais ficas condenado a perceber e experimentar um distanciamento: nenhum nexos é possível. É o eu que se dissolve, o eu centro de relações e de abraços, de afirmações e de colaborações. Por isso a dissolução chega ao ponto em que Moravia, em *O tédio*, fala do absurdo de uma realidade «insuficiente, ou seja, incapaz de me persuadir da sua própria e efetiva existência». ²⁰

Que morte terrível, a da “razão medida de todas as coisas”, que não aceitou ser consciência admirada e espantada duma realidade não sua, que se torna sua na medida da sua obediência, do seu olhar ansioso, desejoso, escancarado numa aceitação contínua! Há uma alternativa à negação de Deus, há uma alternativa à recusa de uma responsabilidade diante do pedido, da necessidade expressa que Deus tem de nós: dentro do mistério da liberdade, a alternativa ao esquecimento e à negação de Deus (lia-o no breviário, ontem de manhã), diz o profeta Jeremias, é «adorar a obra das suas próprias mãos», ²¹ prostrar-se diante de alguma coisa que criamos nós. Mas, na sociedade atual, devido à sua forte organicidade, devido ao forte mecanismo em que tudo é articulado e organizado, é inevitável que este prostrar-se diante do trabalho das próprias mãos se torne um prostrar-se diante do poder: quanto menos estamos conscientes disto, mais estamos sujeitos a ele. «Conseguiu-se fazer com que o homem perceba», diz o grande Nobel da poesia do ano passado, Miłosz, «conseguiu-se fazer com que o homem perceba/ que, se vive, é graças aos poderosos. / Pense, então, em beber café e caçar borboletas. / Quem ama a *res publica* terá a mão amputada». ²²

O mal, que a filosofia e a literatura definem e descrevem, reflete-se em nós, nas mil e uma ações de cada dia: no todo ou em parte, elas são arrancadas ao desígnio do Mistério, à ordem última, devido à ansiedade de não perder uma satisfação ou pela recusa de uma gratuidade. Esta negatividade, esta incapacidade de perfeição, é o acontecimento existencial mais trágico para o homem consciente de si. Eu relembro sempre aos meus amigos jovens a expressão literariamente mais trágica desta consciência, o final do *Brand* de Ibsen, quando aquele que durante toda a vida procurou o segundo perfeito, o ato inteiramente humano, de pé junto à sua cabana, enquanto o trovão da avalanche já soava – a avalanche irá engoli-lo dentro de poucos segundos –, grita: «Responde-me, ó Deus, na hora em que a morte me engole: pode toda a vontade de um homem obter um único ato perfeito?», ²³ ou seja, um único ato humano. Por isso

eu recorro com emoção, e também com paradoxal gratidão, quando uma pessoa que estimo profundamente disse – estávamos a falar sobre o pecado –: «Será que o pecado sou eu?».

IV.

A afirmação parece então inverter-se: é o homem, então, que precisa de Deus para ser homem? Como resposta, Deus faz-se homem, envolve-se. Claro que quem tem um grande sentido dramático da vida está muito próximo do cristianismo, é-lhe muito mais fácil percebê-lo. Como resposta, Deus faz-se homem, envolve-se com o homem como um companheiro real de caminho, totalmente familiar, despoleta um diálogo imediato, sem espaços interpretativos longos, solitários e ambíguos. Assim, Deus faz-se necessitado do homem justamente enquanto homem. Como homem, Deus fez-se necessitado do homem. É a este ponto que a opção se dá de forma mais drástica e se torna drama histórico e tragédia do pensamento, no desenvolvimento do pensamento. Em nome da autonomia da verdade humana, ou seja, em nome da sua forma de conceber o último – porque é inevitável a implicação do último no dinamismo da razão –, em nome da autonomia da verdade humana, ou seja, em nome do seu modo de conceber o último, aquele a que nós chamamos «Deus», o homem rejeita com violência, até à náusea, esta presença amorosa, esta presença amorosa que precisa do homem, mas lhe pede para que o ame com toda a sua mente, com todo o seu coração, com todas as suas forças, como diz o Evangelho.

Assim, da “honestidade” dos fariseus à recusa do jovem rico, ao escândalo de Judas, a abolição de Cristo da memória que decide e guia a vida, individual e associativa, torna-se um pecado social. É uma coisa óbvia da cultura dominante: Cristo é um grande homem – um grande isto, um grande aquilo –; pode dizer-se tudo, exceto que Cristo é o Cristo. Esta abolição de Cristo da memória torna-se um pecado social e torna-se renúncia à categoria suprema da razão, a categoria da possibilidade: é absurdo, é inconcebível, é impossível que Cristo seja o Cristo. Lembro-me, n’ *O fim da aventura*, de Graham Greene, quando o protagonista, um “livre-pensador”, vai, já tarde, a casa dum amigo cuja mulher tinha morrido e encontra aí o confessor da mulher, um irmãozinho mirrado, pequeno, frágil, que ele tenta aterrorizar com uma enxurrada de investidas contra a imagem religiosa cristã da vida e do homem. E aquele pobre irmãozinho – que parecia que ia desaparecer debaixo daquela saraivada –, aproveitando uma pausa que o artista livre-pensador faz a dado momento para ganhar fôlego, exclama timidamente: «Mas agora parece-me que eu sou mais livre-pensador do que o senhor! Porque julgo que é um pensamento mais livre admitir todas possibilidades do que fecharmo-nos a alguma».²⁴ Aliás, é precisamente da abolição de Cristo, da abolição da memória de Cristo enquanto Deus-homem, que se torna possível a lucidez histórica com que tanta cultura moderna – graças a Deus, não toda – renega Deus. Mas já o dizia Nietzsche: se tiramos Cristo, temos de tirar Deus.

Mas Cristo é um compromisso do Mistério, irreversível; é um compromisso do Mistério com o tempo humano; a Bíblia chama-lhe «Aliança Eterna».²⁵ Deus é fiel a si mesmo, Cristo é o desvelar-se da natureza do Mistério ao homem. O que é o Mistério para o homem? Misericórdia. A gratuidade inicial, original, graças à qual o homem existe, revela-se completamente no seu coração, na sua profundidade afetiva: é misericórdia. A resposta negativa do homem não “resolve” a grande questão do amor.

Assim, ao lado do homem, Cristo implica-se na totalidade da própria existencialidade do homem, Cristo implica-se com a totalidade da minha própria existencialidade, da do homem. Que espanto me invade quando penso que para o cristianismo a salvação, ou seja, o sentido positivo do mundo, está ligado a um ponto infinitesimal que é o «sim» dum rapariga de 15, 16 ou 17 anos no máximo, que vivia numa aldeia perdida da Palestina! Bastava-me uma coisa destas para me fazer perceber que é divino! E quando penso, por outro lado, que um homem é beijado naquela noite, e exclama: «Amigo, ao que vieste? Judas, com um beijo traís o Filho do Homem?»!²⁶ Cristo envolveu-se com a existencialidade humana, por isso com o jogo da sua liberdade, de acordo com os seus normais e quotidianos movimentos. Implicado na totalidade da existência humana enquanto homem, Cristo torna-se necessitado das coisas palpáveis, visíveis, que o homem usa: a água no Batismo, o óleo no Crisma, o pão, o vinho na Eucaristia, a palavra na Confissão; o gesto, em todo o lado.

V.

Mas a realidade histórica de que Cristo precisa para realizar a sua presença no caminho do homem para o destino, a realidade histórica total de que Cristo tem necessidade total é a unidade entre todos aqueles que o Pai lhe deu, diz o capítulo XVII de São João. O início da unidade total da humanidade é a unidade entre todos aqueles que o Pai lhe deu, ou seja, é a comunidade eclesial, este «ambiente da existência redimida do homem», disse-nos a 29 de setembro de 1984 João Paulo II. A comunidade eclesial é o «ambiente da existência redimida do homem». Refiro já aquilo que voltarei a sublinhar depois: é o ambiente da existência redimida, logo, não perfeita – ou o conceito de perfeição é outro! – do homem. Um «ambiente fascinante [parece humorístico ou irónico, e não o é: ambiente fascinante] onde cada homem encontra a resposta ao pedido de significado para a sua vida: [ou seja] Cristo, centro dos cosmos e da história».²⁷ Porque não há nenhum fascínio maior na vida do que a explosão clara do significado. O fascínio é a atração da verdade, *pulchrum splendor veri*, dizia São Tomás.²⁸ O fascínio é a atração da verdade. Assim, num certo sentido, o início cristão não é o início duma religião nem duma ética, mas duma estética, num certo sentido, porque a ética virá como consequência e será um amor, consequência dum amor despertado, e o amor é despertado pela beleza que é a atração própria da verdade.

A comunidade eclesial é a realidade onde todos os temperamentos, todas as histórias, ou seja, todos os movimentos, associações, surgem do único pedido daquele significado e juntos, sem alguma possibilidade de domínio, completando-se e ajudando-se uns aos outros como grande e apaixonada companhia, fluem para a única foz: o testemunhar a todo o mundo humano Cristo morto e ressuscitado. Esta comunidade eclesial é um povo, como dizia Paulo VI (23 de julho de 1975), «uma entidade étnica *sui generis*»;²⁹ mas é um povo, um povo de homens: Deus não precisa de “santos”, precisa dos homens. Assim, portanto, Eliot descreve o caminho deste povo no VII Coro da *Rocha*: desde aquele momento «pareceu então que os homens devessem avançar de luz em luz, à luz da Palavra, / Pela Paixão e pelo Sacrifício, salvos apesar do seu ser negativo; / Bestiais como sempre, carnais, interesseiros como sempre, egoístas e obtusos come sempre, / Sempre em luta, porém, sempre a reafirmar, sempre a retomar a marcha pelo caminho iluminado pela luz; / Parando muitas vezes, perdendo tempo, desviando-se, tardando, voltando para trás, mas nunca seguindo por outro caminho».³⁰ Foi isto que Cristo introduziu na nossa vida tornando-se nosso companheiro: a vida humana, a dignidade do homem, a dignidade da liberdade como tensão para o Infinito. Se o homem é relação com o Infinito, a única dinâmica digna é a tensão para este. Como uma criança que, ao nascer, tem de aprender a caminhar, e mil vezes cai, e mil vezes recomeça, mas tudo nela é tensão para o caminho e para a vida.

Eliot prossegue: «Mas parece que aconteceu uma coisa que nunca aconteceu antes: embora não saibamos exatamente quando, ou porquê, ou como, ou onde. / Os homens abandonaram DEUS, não por outros deuses, dizem eles, mas por deus nenhum; e isto nunca aconteceu antes / Que os homens, ao mesmo tempo, neguem os deuses e adorem / os deuses, professando primeiro a Razão / E depois o Dinheiro, e o Poder, e aquilo a que chamam Vida, ou Raça, ou Dialética. / Renegada a Igreja, derrubada a torre, revirados os sinos, que podemos fazer? [...] Deserto e vazio. Deserto e vazio [porque deserto e vazio é o mundo onde não existe busca de um significado]. E as trevas na superfície do abismo. // [...] Foi a Igreja a abandonar a humanidade, ou foi a humanidade a abandonar a Igreja? [Ambas] / Numa altura em que a Igreja já não é estimada nem sequer contestada, e os homens esqueceram / Todos os deuses, exceto a Usura, a Luxúria e o Poder».³¹

O deus do homem é aquilo que o homem é; aquilo que o homem é, é o seu deus. Mas o homem não é luxúria, dinheiro e poder. Estes dinamismos pretendem continuamente definir o homem, e o homem pode tornar-se, sobretudo teoricamente, escravo, prisioneiro; mas o homem é definido por alguma coisa mais – mais! –, onde o cálculo é afastado. Apesar de tudo, apesar de sermos trespassados continuamente pela fome e sede da luxúria, do dinheiro e do poder, afirmar este “mais”, tender para este

“mais”, viver esta luta e, na nossa fragilidade, mendigar como pobres à beira das estradas, é esta a forma humana de viver a gratuidade, ou seja, de viver a nossa verdadeira natureza, imagem de Deus, de viver aquela relação com o Infinito, criador por graça. Esta capacidade de gratuidade, este ímpeto para lá do cálculo, para «o infinitamente grande» que nos dá a existência e que se tornou necessitado da nossa existência, esta capacidade de gratuidade, este ímpeto é o teste da vida. «Vim para que tenhais vida, e a tenhais em abundância»,³² uma vida que não seja obrigada a esquecer ou a renegar nada.

VI.

Permitam-me citar este excerto do *Diário* de Kierkegaard: «A relação de negatividade polémica – que o Paganismo introduzia entre a ideia de uma vida futura e a existência presente – vê-se também na obrigação que as almas tinham, ao chegar aos Campos Elíseos, de beber a água do [rio] Letes». ³³ Para entrar no seu paraíso, os pagãos acreditavam, pensavam, que as almas tinham primeiro que beber a água do rio Letes (palavra grega que quer dizer «esquecer»): para ser feliz no além, nos Campos Elíseos, era preciso esquecer tudo. Mas – perdoem-me – é esta a norma de qualquer ideologia, teorizada ou implicada na forma de viver. O cristianismo, pelo contrário, ensina-nos que devemos ter em conta que até uma palavra dita na brincadeira tem um valor eterno. Isto significa, entre outras coisas, a presença total do nosso passado, ainda que um outro Letes lhe deva retirar a dor lancinante; e este outro Letes é a misericórdia, é a transformação profunda, a conversão profunda do significado do meu próprio mal. Nada, nada é excluído. O Evangelho diz: «Até os cabelos da tua cabeça estão contados». ³⁴ É uma vida que se torna ela mesma, ou seja, cada vez mais vida, como dizia Santo Agostinho: a vida não deve passar, literalmente, da juventude à velhice, mas é a juventude que deve crescer cada vez mais. Aquilo que Santo Agostinho definia como experiência pessoal é o que nos testemunha uma grande poetisa septuagenária, ainda que esquecida hoje, Ada Negri, na sua belíssima poesia *Mia giovinezza*: «Não te perdi. Permaneceste, no fundo do ser. És tu, mas outra és: sem folhagem nem flor, sem o luzente riso que tinhas no tempo que não volta mais, sem aquele canto. Outra és, mais bela. Amas, e não julgas ser amada: a cada flor que desabrocha, ou fruto que amadurece, ou criança que nasce, ao Deus dos campos e das estirpes das graças no teu coração». ³⁵ Não amas a flor porque a colhes e a cheiras, mas porque existe; não amas o fruto porque o mordes, mas porque existe; não amas a criança porque é tua, mas porque existe. Esta é a gratuidade feita vida quotidiana, que se reflete no teu olhar para os que te estão próximos, que se reflete no meu pensamento e na minha angústia pelas pessoas desconhecidas que vivem longe.

Que reverberação de missão! No fundo, o cristianismo realiza verdadeiramente a imagem que Victor Hugo, num belíssimo texto seu de *Les contemplations*, intitulado *O eremita*,³⁶ descreve. Imaginamos este eremita, que se levanta de manhã cedo, de madrugada, e tenta, à luz duma vela, começar a ler e a meditar sobre o seu texto. E à medida que lê, o sol levanta-se e cresce, e assim, ao mesmo tempo, faz-se luz na sua alma. Não se passa da juventude à velhice, mas é a juventude que deve crescer sempre.

Não confiem no amor: é a última recomendação de Paul Valéry aos seus amigos. «Nós acreditámos no amor» é a mensagem de São João. «Bem sei que [Deus] não me ama. Como poderia amar-me? Contudo, há alguma coisa no fundo de mim, um ponto em mim, que não consegue impedir-se de pensar, tremendo de medo, que talvez, apesar de tudo, Ele me ame» (primeiro caderno de Simone Weil).³⁷ Isto é o que nunca consegue deixar de atestar a nossa humanidade, pelo pouco de pureza que mantém.

Só há um único crime; só há um único crime: o esquecimento, o esquecimento do Deus que precisou de nós, que precisa de nós. O esquecimento, é este o crime. «Sinto que o meu barco», diz um bom poeta espanhol, Juan Ramón Jiménez, «sinto que o meu barco / esbarrou, lá no fundo, numa coisa grande». O nosso barco, que navega pelo oceano da vida ou pelo mar da vida, esbarrou, lá no fundo, numa coisa grande: Deus presente. «E nada / acontece! Nada... Quietude... Ondas... [tudo como antes]. Nada

acontece; ou já tudo aconteceu, / e estamos já, tranquilos, no novo?». ³⁸ Já nos resignámos, como se não tivesse acontecido nada?

Desejo-vos, a mim e a vocês, que nunca estejam tranquilos, nunca mais tranquilos!

Obrigado.

Notas:

¹ Cf. P. Teilhard de Chardin, *Il fenomeno umano*, parte III, 3.2.b, em *Opere di Teilhard de Chardin*, Il Saggiatore, Milão 1980, pp. 310-311.

² Cf. Mt 18,2-6.

³ Lc 7,13.

⁴ Cf. Mt 16,26; Mc 8,36-37.

⁵ Cf. Jo 15,11.

⁶ Cf. Mt 18,10.

⁷ Cf. F. Severi, *Scoppiò cinquant'anni fa la «rivoluzione» di Einstein*, in «Corriere della Sera», 20 de abril de 1955, p. 3.

⁸ Cf. F. Dostoiévski, *I demoni*, Garzanti, Milão 1993, vol. 2, pp. 708-709.

⁹ G. Ungaretti, «Dannazione», in Id., *Vita d'un uomo. Tutte le poesie*, Mondadori, Milão 1992, p. 35.

¹⁰ R.M. Rilke, «Spengimi gli occhi, ed io Ti vedo ancora», in Id., *Liriche*, Sansoni, Florença 1942, p. 194.

¹¹ J. Delannoy, *Dio ha bisogno degli uomini* (Título original: *Dieu a besoin des hommes*; Francia-1950).

¹² Ch. Péguy, «O mistério dos santos inocentes», Lucerna, Cascais 2015, pp. 69-71.

¹³ Cf. Mt 5,37.

¹⁴ E. Montale, «Forse un mattino andando in un'aria di vetro...», *Ossi di seppia*, in Id., *Tutte le poesie*, Oscar Mondadori, Milano 1990, p. 42.

¹⁵ «*Rerum Deus, tenax vigor, immotus in Te permanens, lucis diuturnae tempora successibus determinans...* » (Hino da Hora Média, Nona, in *Messale ambrosiano. Dalla XVIII alla XXXII settimana del Tempo Ordinario*, Marietti, Milão 1984, vol. V, p. 47).

¹⁶ Cf. F. Nietzsche, *La gaia scienza e Idilli di Messina*, Adelphi, Milão 1995, p. 223.

¹⁷ «Qui ne croit plus en Dieu, il ne croit plus en l'Être, et qui hait l'Être, il hait sa propre existence» (P. Claudel, «Troisième Ode - Magnificat», in Id., *Cinq grandes odes. Suivies d'un processionnal pour saluer le siècle nouveau*, Éditions de la Nouvelle Revue Française, 35 & 37, Paris 1913, p. 92).

¹⁸ O. Fallaci, *Un uomo*, Rizzoli, Milão 1979, p. 151.

¹⁹ Cf. J.-P. Sartre, *La nausea*, Einaudi, Turim 1990, p. 166.

²⁰ Cf. A. Moravia, *La noia*, in Id., *Opere complete*, Bompiani, Milano 1976, p. 483.

²¹ Jer 1,16.

²² C. Miłosz, «Consigli», vv. 18-21, in Id., *Poesie*, Adelphi, Milano 1983, p. 116.

²³ Cf. H. Ibsen, *Brand*, Bur, Milano 1995, p. 240.

²⁴ Cf. G. Greene, *O fim da aventura*, Dom Quixote, Lisboa 2016.

²⁵ Sal 105,10.

²⁶ Cf. Mt 26,50.

²⁷ João Paulo II, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação no XXX aniversário da su fundação*, 29 de setembro de 1984, 1.

²⁸ «A beleza é o esplendor da verdade» (São Tomás de Aquino, *Scriptum super sententiis*, I, d. 3, q. 2, art. 3.).

²⁹ Paulo VI, *Audiência geral*, 23 de julho de 1975.

³⁰ T.S. Eliot, *Coros de "A Rocha"*, Tenacitas, Coimbra 2014, p. 131.

³¹ *Ibidem*, pp. 133-135.

³² Cf. Jo 10,10.

³³ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*, Morcelliana, Bréscia 1962, p. 359.

³⁴ Cf. Lc 12,7.

³⁵ A. Negri, *Mia giovinezza. Poesie*, Bur, Milão 2010, p. 78.

³⁶ Cf. V. Hugo, «Heureux l'homme, occupé de l'éternel destin», in Id., *Les contemplations*, Garnier Frères, Paris 1969, p. 61.

³⁷ S. Weil, *Quaderni. Volume I*, Adelphi, Milão 1982, p. 105.

³⁸ J.R. Jiménez, «Mares», in Id., *Segunda Antología Poética (1898-1918)*, Espasa-Calpe, Madrid 1987, p. 335.